pretencioso”, a proposta dell’autore sembra dare al lettore un panorama brevemente delineato su Leopardi. Nelle 175 pagine si trova una solida interpretazione, degna di uno studioso serio e di un profondo conoscitore delle opere di Leopardi, dai *Canti* alle *Operette Morali*, passando ai *Pensieri*, che assieme ai *Ricordi* di Guicciardini rappresentano, per Dotti, una eccezione per una letteratura (italiana) povera di massime, di osservazioni e di divagazioni morali (p 106) fino ad arrivare all’ “enorme serbatoio di riflessioni”, cioè, lo *Zibaldone di Pensieri*.

Ma qual’ é “Lo sguardo sul mondo” di Leopardi? Risponderà Dotti che è un doppio sguardo: “da un lato l’idea che il mondo é sì un formidabile deserto, ma, dall’altro, anche la convinzione che in esso esistono quei soggetti dotati di sensibilità e di vita interiore capaci non soltanto di soffrire eroicamente il proprio destino, ma altresì capaci di denunciarlo come l’unico responsabile dei patimenti comuni” (p 111).

In questo modo, non sembra esistere una sintesi nella “dialettica” degli scritti leopardiani, ma davanti alle molteplici e possibili interpretazioni fatte, credo che questo libro presenti una delle sintesi possibili, diventando un riferimento per gli expert in letteratura italiana, ed anche per le persone che semplicemente si interessano ad arricchire la loro cultura.

Andréia Guerini

UFSC

Elio Vittorini em duas coleções editoriais.

Elio Vittorini é sem dúvida um nome fundamental na literatura e cultura italiana do século XX. Com Italo Calvino dirigiu, a partir de 1959, a revista *Il Menabò* e foi peça importantíssima na moderna editoria italiana, na famosa Einaudi. Como um timoneiro para sua geração, carregou sempre as marcas de um anti-fascismo militante. Teve uma breve passagem pela prisão, e a partir dela inicia sua colaboração na Resistência, como responsável pela imprensa clandestina. Foi, junto com Cesare Pavese, o grande divulgador da literatura americana na provinciana Itália. Foi com esse importante autor que a Berlandis & Vertecchia Editores inaugurou, em 2001, a nova coleção de obras literárias que reservou os primeiros volumes da série *Letras Italianas* para escritores sicilianos. Entre os primeiros, *Erica e seus irmãos* de Elio Vittorini, com projeto gráfico de Rodrigo Andrade e ilustrações de Paulo Pasta.

Conta-se no livro uma história do ponto de vista de uma menina, Erica, que passa da miséria absoluta às tristezas que se acumulam na guerra. O cotidiano depauperado e degradado faz com que descubra, em total solidão, as durezas das relações com o mundo dos adultos, incluídos aí pai e mãe. Apesar de todos os elementos *realistas* do enredo, Vittorini constrói uma fábula, dando espaço para as delicadas divagações de Erica. As cartas que escreve para a mãe distante são monólogos, que montam uma visão de mundo, frágil, doce, dolorida e surpreendentemente corajosa.

Erica e seus irmãos não é a obra mais representativa de Vittorini, mas é uma iniciativa importante publicá-la; temos,

desde 1986, lançada pela Editora Guanabara, o livro mais celebrado do autor, **Conversas na Sicília**. Outra coleção, também recente, a *Prosa no Mundo*, da editora Cosak e Naify, lançará, provavelmente no início de outubro de 2002, uma nova tradução da mesma obra, em edição acuradíssima. Na primeira versão em língua inglesa, o livro teve um prefácio de Hemingway. Depois de dois anos de circulação, na Itália, em 1943 foi seqüestrado pela censura fascista acusado de ser antinacional e imoral. Com esses dois livros, é possível perceber a dimensão moderna não só do siciliano Vittorini, mas a do movimento das idéias do *Novecento* italiano.

A escolha de sicilianos para inaugurar a série *Letras Italianas* foi explicada pelo recorte editorial: por um lado, privilegiar a literatura *regionalmente*; por outro, selecionar autores que viveram e escreveram seus livros entre o fim do século XIX – sendo o marco histórico inicial a *Unificação*, em 1860 – e a Segunda Guerra Mundial. Da Sicília surgem os nomes de Giovanni Verga, Luigi Pirandello, Leonardo Sciascia, além de Elio Vittorini.¹

Vittorini nasceu em 1908, em Siracusa; morreu em 1966, em Milão. Começa a escrever na década de 20. A Sicília era para ele o pano de fundo de suas obras, assim como Cesare Pavese reservava o mesmo destino para o Piemonte. As regiões entram aqui como possibilidade de criar e alimentar o sonho de arejar a literatura italiana, através da definição de um tipo de personagem, de situação e de narrativa que sintetizassem e definissem a impressão comum de contemporaneidade. Será acrescentada uma outra fonte para a mesma pesquisa, a literatura em língua inglesa, que ambos assumem como ideal, em particular pela exemplaridade do caráter mítico da civilização americana. Ambos se tornam tradutores.

Vittorini irá traduzir autores importantes como Hemingway, Faulkner, Poe e Auden. Foi também um dos tantos escritores-intelectuais italianos que pensou insistentemente a literatura em relação ao mundo que o cercava e teve enorme participação nas discussões sobre política cultural. Assim sua Sicília é parte de uma discussão estética, literária e política ampla. Mas há outros elementos que tornam *Erica e seus irmãos* uma escolha sugestiva.

A primeira edição da obra agora traduzida é de 1956; foi escrita porém em 1936 e publicada vinte anos depois, inacabada. Não há nenhuma excepcionalidade nisso em se tratando de Vittorini. Costuma-se associar as inúmeras interrupções da feitura das obras ao seu interesse político: no caso de *Erica e seus irmãos* teria sido a Guerra da Espanha. Assim, acaba-se por relacionar, sem intermediações de nenhuma ordem, o homem político e o escritor. Observando-se porém esse vai e vem, a obra que é abandonada porque a realidade é premente, é possível concluir que para Vittorini – como também para Pavese, Pasolini, Calvino – havia uma pesquisa em curso, e descobrir a melhor forma para aqueles novos conteúdos era uma questão vital.

Ao iniciar *Erica e seus irmãos* Vittorini procura um modelo mítico universal; quando em 1956 publica o livro, já não acredita ser possível reservar à Sicília o papel de lugar mítico: marcado pelas transformações da sociedade e da política dos anos 50, o escritor a verá como um pedaço da Itália atrasada no processo da civilização moderna ocidental. Porque o mundo mudou e porque os modos de escrever devem procurar acompanhar as mudanças do mundo é que Vittorini abandona suas narrativas e não as retoma mais. Das tentativas de romances, que dificilmente se completam, passa para a fábula lírica e dela

para uma narrativa que é roteiro cinematográfico. Depois disso, o silêncio.

Maria Betânia Amoroso

UNICAMP

Títulos da coleção *Letras Italianas* já lançados:

1. Giovanni Verga, *Cenas de vida siciliana*
 2. Luigi Pirandello, *O velho Deus*
 3. Elio Vittorini, *Erica e seus irmãos*
 4. Natalia Ginzburg, *Foi assim*
 5. Beppe Fenoglio, *Uma questão pessoal*
 6. Gesualdo Bufalino, *O disseminador da peste*
 7. Leonardo Sciascia, *O mar cor de vinho*
 8. Italo Svevo, *Argo e seu dono*
 9. Tomasi di Lampedusa, *Os contos*
 10. Giovanni Arpino, *A escuridão e o mel*
 11. Carlo Levi, *A dupla noite das tíliais*
 12. Dacia Maraini, *Meu marido*
 13. Guido Piovene, *Cartas de uma noiva*
 14. Vitaliano Brancati, *O belo Antonio*
 15. Luigi Pirandello, *Dona Mimma*
 16. Fernanda Pivano, *Por onde anda a virtude?*
 17. Andrea De Carlo, *Trem de nata*
 18. Vincenzo Consolo, *Retábulo*
- Estão para ser publicados:
19. Giuseppe Bonaviri, *O rio de pedra*
 20. Francesco Marroni, *O ouro de Sevilha*
 21. Giorgio Bassani, *Óculos de ouro*

Bettiza e l'esilio

Il titolo di questo libro di Enzo Bettiza, edito da Mondadori (pp. 470); è un saggio autobiografico. L'autore ci ritrae le sue emozioni sollevate dal tragico conflitto balcanico, fra il 1927 e il 1945 in Dalmazia, ex Jugoslava, ex austriaca, napoleonica, veneziana, ungherese, bizantina, romana. Oggi croata. Terra, come si vede, di continui passaggi di mano, continui domini e incroci di civiltà.

Oggi la Dalmazia, viene talora definita "Croazia del Sud" dai governanti di Zagabria, molto gelosi della recente sovranità nazionale e statale conquistata a duro prezzo di sangue nella guerra difensiva contro i serbi. Ma la "Croazia meridionale" acquista in Dalmazia il suono di un'espressione riduttiva, quasi offensiva. Ai dalmati comunque non piace sentirsi definiti d'autorità "Croati del sud", e tale mancanza di tatto degli zagabresi fomenta un diffuso sentimento di separatezza fisica e psicologica.

Il racconto si snoda su quattro fili conduttori, quello storico che procede all'indietro dal 1995 fino all'Illiria napoleonica, quello dell'esilio attraverso la memoria sempre più sfilacciata, l'autobiografia della famiglia dell'autore, la storia della città di Spalato.

In una prosa semplice e diretta Bettiza ci fornisce una chiave interpretativa della crisi dell'ex Jugoslavia, ma anche un esempio di quanto multiforme possa essere la cultura, di quanto contigui possano essere mondi apparentemente inconciliabili come quello islamico e quello cristiano.